**Entre Descobertas e Redescobertas de si: o movimento de reconhecimento de uma mulher e professora negra**

Amanda Izaias da Silva

dasilva18.amanda@gmail.com

**Resumo:**

O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão acerca da necessidade e importância da literatura e da escrita no processo de construção da identidade de uma professora negra recém-formada no curso de Pedagogia. O enlace do tornar-se professora juntamente com o tornar-se mulher e professora negra, são fundamentais para pensar nesta profissional que se apresenta na atual conjuntura de nossa sociedade. As questões provenientes do convívio social, cultural e pessoal desta mulher são aqui apresentados como maneira de pensarmos sua construção neste entremeio social. É importante salientar que o texto se propõe fazer uma breve reflexão baseada em referenciais como Evaristo (2009) e Carneiro (2001), autoras que problematizam a construção que a sociedade criou sobre a mulher negra, intelectuais que colocam esta como protagonista de seu próprio discurso, destaca suas potencialidades perante a sociedade que por muito tempo delimitou seu espaço, que a reduziu a uma condição inferior. Suas vozes que por vezes foram silenciadas das formas mais cruéis possíveis. Este texto é um recorte de uma experiência que está sendo vivida.

O texto encontra-se dividido em quatro momentos, o primeiro momento trata-se do despertar, o segundo denomino como "tornar-se professora”, o terceiro momento dialogo sobre a questão de me tornar uma mulhe negra, no quarto item discorro a respeito do encontro da professora negra com a mulher negra:

1. O despertar
2. O tornar-se professora
3. O tornar-se mulher negra
4. O encontro entre a mulher negra e a professora negra

**Palavras chave**: Escrita. Professora negra. Encontro de si.

1. ***O despertar***

*Quando estou com fome eu não enlouqueço, eu escrevo.*

*Carolina Maria de Jesus*

É desta maneira que começo este texto, antes de mais nada digo que sua escrita é um ato de (re) existência. A potente frase da escritora negra Carolina Maria de Jesus é uma das mais belas e tristes que já li e ouvi, carregada de significados é uma substância para seguir em frente e escrever. Neste caso escrevo não pela fome a que se refere a autora, mas a fome aqui se personifica como desejo de reconhecimento de si, de encontro consigo mesma diante da descoberta do novo, a escrita que te coloca, faz pensar em si e no outro.

Durante a minha graduação no curso de Pedagogia, na PUC-Rio, o fato de estar numa sala de aula sempre foi uma preocupação, em contato com diversas crianças com diferentes características como sugere Kramer (2010, p.1): "Criança pessoa de pouca idade que produz cultura, é nela produzida (...) constituída a partir de sua classe social, etnia, gênero e por diferenças físicas”. Minha trajetória na graduação foi seguindo seu percurso e aos poucos tive um maior contato com o a sala de aula, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e também dos estágios curriculares que deveríamos cumprir, nesse período pude vivenciar um pouco da rotina de uma sala de aula, conversas com as professoras que acompanhei também foram importantes para pensar o ser professor e o estar na sala de aula.

Porém mesmo com esse convívio ainda não havia sentido a fome, no sentido figurado da palavra de reconhecer-me como professora em formação e principalmente como negra, este aspecto ainda não estava latente naquele momento.

À medida em que fui conhecendo o ambiente escolar e tomando conhecimento de mim como professora, a necessidade de me perceber diante daquele ambiente foi tornando-se necessária para a minha construção profissional e pessoal. Segundo Buber (2009, p.42)

Numa hora receptiva de minha vida pessoal, encontra-me um homem em quem há alguma coisa, que eu nem consigo captar de uma forma objetiva, que “diz algo” a mim (...). Fala algo que se introduz dentro da minha própria vida (...). É aquela *alguma coisa* que o diz (...). Este homem não é meu objeto”, nada posso contar sobre ele. Talvez apenas tenha que aprender algo e só se trata do meu “aceitar”.

O filósofo do diálogo Martin Buber, apresenta um conceito que nos ajuda a refletir a respeito da tomada do conhecimento que realizamos sobre nós, e que dialoga com a minha formação de certa maneira, como conhecer-se intimamente sabendo que temos experiências com os outros e que estes outros vão influenciar o nosso agir no mundo , talvez este seja um ponto importante da obra de Buber, pois mesmo tendo experiências externas somos capazes de realizar encontros íntimos com nós mesmos e estes encontros íntimos só acontecem quando conseguimos aprofundarmo-nos no outro nós que nos habita.

Ou seja, é um despertar sobre si e sobre o outro que vai nos definindo como pessoa e nos coloca em confronto com o nosso estar no mundo e como nos colocamos diante dele.

No livro "Olhos d'água" , a escritora Conceição Evaristo retrata histórias "ficcionais", de mulheres negras que tiveram ao longo de sua trajetória as lágrimas como companheiras de vida, as histórias são fortes porém necessárias para pensarmos na maneira em que essas mulheres foram tomando conhecimento de si e de sua existência no mundo.

Em meio à seus olhos d'água essas mulheres conseguiram deixar rastros de existência, de força, de ao menos tentar estar no mundo que não as queria, vozes mesmo silenciadas pela sociedade, julgadas, maltratadas, não reconhecidas como mulheres, assim como a história de Maria que levando um osso de pernil que ganhara de sua patroa e algumas frutas, entre elas um melão que ainda não sabia se suas crianças iriam gostar, nem o melão e nem as frutas chegaram, morreu dentro do ônibus, confundida com uma ladra, pois o assaltante pai de seu filho mais velho assaltou justamente o ônibus em que estava Maria.

Mas, que culpa tem Maria do que o pai do seu filho fez, ela que só queria levar seu osso de pernil e as frutas que havia ganhado e ver seus filhos, morreu ali mesmo à noite, o negro de sua pele e o negro da noite foram refletidos pelo brilho da lua, mais uma voz silenciada, outra voz de mulher negra não compreendida. A história de Maria, nos proporciona pensar diversas situações que outras mulheres negras sofrem diante de nossa sociedade, que se mostra intolerante com mulheres como Maria. Buber (2009), Evaristo (2016), evidenciam o despertar o que pra mim foi o aflorar desta consciência de si/mim e que perpassa pelo encontro com outras pessoas, com outras histórias, leituras.

1. ***O tornar-se professora***

*Árvores do sul dão uma fruta estranha*

*Folha em raiz ou sangue se banha*

*Corpo negro balançando, lento*

*Folha pendendo de um galho ao vento.*

*Lewis Allan*

A canção Strange Fruit, de Lewis Allan eternizada na voz da cantora de soul norte americana Billie Holiday, é uma canção de protesto sobre a violência sofrida pelas pessoas negras nos Estados Unidos. Muitas vezes me senti uma fruta estranha, assim como na canção de Billie, estranha por não pertencer a um padrão definido pela sociedade, por não me entender como pessoa e mulher negra. O racismo contribui com a crença da inferioridade social dos segmentos negros, da população negra em geral e em especial da mulher negra. Por este motivo faz-se necessário pensar a mulher negra e a sociedade em que ela está inserida.

Carneiro (2001) aponta para a questão do silenciamento que as mulheres negras foram submetidas e ainda são, diante deste panorama uma aponto uma questão que me afeta como mulher negra, como tornar-se narradora de si de sua história, se sua trajetória foi marcada pelo esquecimento, afinal como ser uma professora que não conhece nem a si mesma, como sair do quarto de despejo imposto pela sociedade?

Neste entremeio de tornar-me professora e mulher negra, a literatura e a escrita foram extremamente importantes para a minha construção. Tanto escrever quanto ler ajudaram a me perceber no mundo. A escrita e a literatura são maneiras de se comunicar consigo e com os outros. O processo de tornar-se professor/a nos leva a reelaborar a nossa trajetória.

Uma das maneiras de me entender como professora é escrever o que me chamou atenção durante o dia na aula, o que me tocou, e pensar sobre o fato ocorrido, um desses exemplos é um relato que escrevi sobre um desses acontecimentos cotidianos na sala:

*A minha primeira impressão sobre as crianças.*

*Trabalhar com o primeiro ano tem sido um desafio, primeiro por que é a transição da Educação Infantil para o ensino fundamental. Como deixar a brincadeira de lado, se o que eles mais querem é brincar, querem também aprender a ler as palavras, mas acho que já são um pouco leitores do mundo, são muito questionadores, sabidos, são um desafio para uma recém-formada feito eu. Às vezes fico embaraçada com algumas indagações.*

*Hoje mesmo quando fomos distribuir as massinhas, sorteamos as cores e um dos meninos (o Ronaldo) que é negro acabou pegando uma massinha marrom e na mesma hora ele disse a seguinte frase: "Eu não quero essa cor! Só por que eu sou moreno tenho que ficar com o marrom?”. Neste momento fiquei sem reação, tentei argumentar, mas não fui feliz, acho que poderia ter aproveitado a fala dele. (relato de aula, 11 de fevereiro de 2019).*

O evento discursivo leva-nos a refletir sobre como nós, educadores, devemos estar atentos a essas questões e de que forma podemos atuar para desconstruir estereótipos e fomentar nas crianças uma relação de alteridade, de reconhecimento da diferença do outro. A escrita e a literatura têm organizado meu pensamento no processo de aprimorar minha postura diante das questões que se apresentam no contexto escolar, tendo em vista que a escola é viva e está inserida na sociedade. Neste processo de me perceber como professora negra e em diálogo com literatura negra como a de (EVARISTO, 2016) entre outros que são base para entender a nossa identidade e a partir dela nos tornarmos narradoras.

Ainda de encontro com o evento discursivo ocorrido na escola com o menino, como potencializar na criança o reconhecimento de si, para que ela não se sinta um fruto estranho nem dentro nem fora da escola, como nós como educadores podemos construir isto? Para Buber (2009), a relação educativa é puramente dialógica, pois exige que vejamos o outro em sua totalidade, que estejamos desprendidos minimamente dos nossos preconceitos e julgamentos para entendermos aquele/s indivíduo/s. A relação educativa requer reciprocidade, reconhecimento de si para possivelmente estar aberto a reconhecer o outro.

1. ***O tornar-se mulher negra***

*Eu quero cantar até o fim*

*Me deixem cantar até o fim*

*Até o fim eu vou cantar*

*Eu vou cantar até o fim*

*Eu sou a mulher do fim do mundo*

*Eu vou cantar, me deixem cantar até o fim*

*Elza Soares*

É preciso cantar até o fim para que seja ouvida por todos, para que o canto tenha valido a pena, seja ele de dor ou de resistência, pois a resistência nada mais é do que a dor com vestígios de cor, pois o meu canto se tornou negro como o de Elza, esta mulher negra que canta até fim do mundo, pois digo que não é o fim é somente um começo pra mim.

É com o trecho da canção "A mulher do fim do mundo", do álbum com o mesmo nome, da cantora Elza Soares que começo este momento, pois venho me tornando uma mulher negra pouco a pouco, são tantas as descobertas que tenho feito. Obviamente este processo de reconhecimento não é fácil, na maioria das vezes é doloroso, porém não é o fim. Segundo (EVARISTO, 2009, p.18), o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interditado em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado, e ainda hoje, pelos modos de relações raciais, que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. A autora remonta a ideia de que mesmo com toda a violação a que fomos submetidas ao longo da história, ainda assim conseguimos nos reorganizar e criar possibilidades de estar (re) existir na sociedade.

No processo de reconhecimento de si a mulher negra que por vezes não é reconhecida, não é referência na academia, na cultura entre outros aspectos. Na maioria das vezes só tem como referência de suas raízes as avós, mães que resistiram a uma sociedade desigual e racista e que tentam não desencorajar suas filhas e netas. Foi desta maneira que iniciei o meu reconhecimento, através de minha avó, minha mãe e minhas tias, estas foram as primeiras referências neste processo de crescimento. Sempre me disseram para eu ter coragem, mesmo que a vida e os outros dissessem que eu não iria conseguir.

Aos poucos fui descobrindo autoras e autores negros com o quais fui me identificando, e conciliando esse fato à minha formação universitária, numa faculdade majoritariamente branca, parece que a vontade de me colocar no mundo foi crescendo aos poucos. A necessidade de colocar o que sentia através da escrita e da leitura foram se tornando essenciais para me sentir viva.

Quando me tornei professora esta necessidade de não dar fim a minha negritude e as questões que me eram importantes se tornaram latentes ao extremo, a necessidade nos obriga a sermos sempre inquietas e o desejo de ocupar o espaço acadêmico, e outros a nós negados é intenso e não menos doloroso. Segundo Hooks, (1995, p.472) "muitas vezes pensadores negros temem que nosso trabalho não seja levado a sério por um público maior que ele seja julgado de certa maneira deficiente. Esses temores inibem a produção intelectual".

A autora aponta para o medo a que muitas intelectuais negras acabam se deparando de que suas/nossas obras, escritos não sejam levados a sério, uma vez que o modo que escrevemos também é um desabafo a respeito das condições a que fomos submetidos. Porém precisamos reconhecer que somos sim produtoras de textos científicos e literários importantes para pensarmos a sociedade em que estamos inseridos.

É importante destacar que nossa escrita carrega muitas marcas, feridas que são difíceis de cicatrizar, nosso modo de escrever ainda é considerado um fruto estranho como cantado por Holliday, porém é ele também um modo de estar e existir no mundo e em si. Em meus diários de aula também coloco as questões da minha construção como mulher negra, abaixo segue um trecho:

*Tirei minhas tranças no último final de semana e hoje voltei para a escola com meu cabelo Black Power, quando as crianças me viram, perguntaram por que eu havia retirado meu cabelo de pelúcia (as tranças) e tinha ficado com esse cabelo de algodão doce.*

*Alguns gostaram, outros disseram que eu estava muito bonita.*

*(relato de aula, 8 de abril de 2019)*

Esse relato nos ajuda a pensar a respeito das interpretações que as crianças fazem do nosso jeito de estar no mundo, desde o início o meu cabelo sempre foi algo que os deixava intrigados, porém como dizer a eles que o meu cabelo é uma forma de resistência, como inspirar meu alunos (crianças) negras/os e não negras/os a respeitarem a minha aparência?

Que diálogos traçar a partir disso, de que maneiras possibilitar uma educação dialógica?!

Considerando a criança como um sujeito que pensa, que está imerso na sociedade e constrói a partir de suas experiências as interpretações sobre o mundo, refletimos sobre que experiências essa criança tem com relação àquilo que lhe é áspero, no sentido benjaminiano, radicalmente diferente de si. O diferente que assusta, mas ao mesmo tempo possibilita o início de um diálogo que é necessário na educação.

1. ***O encontro entre a professora e a mulher negra***

*Queixo-me às rosas*

*Que bobagem*

*As rosas não falam*

*Simplesmente as rosas exalam...*

*Cartola*

No trecho da belíssima canção poema de Cartola, o músico fala sobre as conversas que tem com as rosas para falar do seu amor não correspondido. Transformo-me numa rosa de Cartola, aqui neste texto exalo pequenos escritos que me tornam o que estou sendo agora. Um encontro que demorou a se concretizar, foi necessário que a mulher e a professora vivenciassem diferentes caminhos até se encontrarem finalmente, estas2 duas pessoas que se tornaram uma, mas elas precisam se tornar uma, não seria mais interessante que elas tivessem bons encontros, pois os encontros às vezes são mais importantes?

A mulher e a professora negra estão em busca de conhecimento e construção do seu lugar na sociedade, pois Hooks, (1995,p. 474), reforça que não podemos nos tornar intelectuais sem descolonizar nosso modo de pensar o mundo, o jeito a que fomos ensinadas. É uma luta constante de redescoberta de si e da sua cultura, do seu espaço como ato político, afirmo que ser professora e mulher negra em nosso país é um ato político sem fim, é necessário cantar até o fim do início Essas mulheres precisam estar prontas para serem as mulheres do começo do fim do mundo.

A escrita, a literatura são aliadas nessa jornada, o diálogo precisa ser o fio condutor do nosso agir social e pessoal.

*...É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente das coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia.*

*Clarice Lispector, p.85*

O texto vai chegando ao fim, na verdade um fim que é um começo, pois como Lispector nos diz, a escrita nos deixa consciente das coisas, de nós mesmos, ela clareia o nosso pensamento e nos ajuda a saber mais de nós, que esta professora mulher negra possa saber mais sobre si e use estes saberes como ato político de existir e resistir, lembrando-se que é o fim do começo.

**Referências Bibliográficas**

BENJAMIN. Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico.* São Paulo: Perspectiva, 2009

CARTOLA. *As Rosas não falam*. Cartola II. Discos Marcos Pereira. Rio de Janeiro, 1974.

CARNEIRO. Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Geledés: Instituto da mulher negra, 2011.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: Uma poética de nossa afro-brasilidade*. Belo Horizonte. Scripta, v.13, n.25, p.17 - 31, 2°sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1. ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

HOLLIDAY, Billie. *God Bless the Child*. Commodore Records. 1939.

HOOKS, Bell. *Intelectuais negra. Estudos feministas*. Ano 3. 2° semestre. 1995

JOBIM E SOUZA, S. e KRAMER, S. (orgs). *Histórias de professores: Leitura, escrita e pesquisa em educação*. São Paulo: Ática.

JESUS, Maria Carolina de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Rio de Janeiro. Ática, 2014.

KRAMER. Sonia. *Verbete Criança*. UFMG, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *Crônicas para jovens de escrita e vida*. (VASQUEZ, Karp Pedro, org). Rio de Janeiro. Rocco Jovens Leitores, 2010.

SOARES, Elza. *A mulher do fim do mundo*. Circus. São Paulo. 2015.

PENA, Alexandra C.; TOLEDO, L.P.; KRAMER, S. *"Ei fiz um esquecimento do meu passado de professora": memória, narrativa como caminho epistemológico na formação de professores*. Revista Ibero-Americana de Estudos da educação, Araraquara, v. esp, n.3, p. 2008-2025, dez.;2018.